

Doca e seus botões

2024

Doda Menezes

Doca e seus botões

2024

Doda Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Menezes, Doda

Doca e seus botões / Doda Menezes. --
Crato, CE : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-24466-2

1. Ficção brasileira I. Título.

24-240772

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apresentação

Quando optei em me aposentar da Caixa em dezembro 2018, eu pensei, “agora eu vou poder contar todas as histórias que tenho em minha cabeça”. Que nada! Ficou mais difícil. Com tempo de sobra, eu ficava só adiando e achando outras atividades mais interessantes. Contudo, eu precisava escrever, sempre foi minha terapia; desenhar, criar e escrever. Fico mais feliz quando estou criando histórias, então eu precisava escrever como o ar que respiro para sobreviver.

Em 2013, para comemorar os meus 50 anos de vida, consegui inventar e transformar em livro: “Luca Blues” e agora, mais de 10 anos depois, consegui botar no papel: “Doca e seus botões”.

“Doca e seus botões” surgiu de um texto que escrevi na primeira pessoa, depois foi que percebi que poderia se transformar em um novo romance.

Peguei a visão de mundo que eu tinha aos 7 anos, juntei alguns fatos com umas fantasias e saiu o que eu queria. Uma história sem monotonia e com agitação.

Escrever é um quebra-cabeça prazeroso, mas cansativo, para escrever e criar é preciso esquentar a cabeça, sem ferver e nem torrar o cérebro, e quando a cabeça esfria, a gente precisa esquentá-la de novo. Tudo isso sem esperar retorno financeiro.

Espero que gostem. Obrigado!

Doda Menezes.

Lembrança Valiosa.....	11
A Bicicleta	23
A Escola	29
O Time de Botão	36
O Campeonato.....	52
Muriçoca F.C.	61
A Nova Professora.....	70
Patalógica	76
A Televisão	80
Ela não vai hoje.....	88
A Semifinal	100
Perdas e Danos	120
Gazear, Gazetear, Cabular	131
O Pio.....	135
A Decodificação.....	138

Kid-Kid	144
O Foguete	148
O Filme.....	154
A Visita.....	161
Santinha	169
A Entrevista.....	174
Cururu x Muriçoca.....	185
Tragam a Polícia	203
Fim ou Começo?.....	207
Nota do Autor	210

Para Gilvanda, Fantina, Cleide, João, Marias e Josés.

Todos, "gente que o Brasil precisa".

Esta é uma obra de ficção baseada em alguns fatos.

Lembrança Valiosa

Doca não se lembrava de sua mãe: o rosto, a voz, se era gorda ou magra, tudo se apagou de sua memória. Dizem que ele ficava circulando entorno da cadeira que ela sentava e segurava sua mão; isso ele acha que se lembra. Não, não se lembra, apenas imagina como seria. Ao ter três anos, é natural não recordar momentos importantes ou não. Quicá, se fosse hipnotizado e buscasse no limbo da memória aquelas lembranças, ele se espantaria como foi esquecer tamanhos momentos de carinho.

O certo é que ele sempre foi assim, meio lesado. Quem sabe o segredo de toda sua leseira seja essa imagem da mãe de que ele não se lembra. Quiseram compensar a ausência de sua progenitora com proteção e carinho e até certa idade ele achou que existia esse campo de força que o protegia, mas foi crescendo e

entendendo que tudo era ilusão. Não que ele não se achasse especial por ser órfão, como os adultos diziam para consolá-lo, “agora tu tens alguém no céu com um olhar especial para ti”.

Sua história começa aos cinco anos, é a partir desse tempo que ele se lembra de tudo um pouco e sua percepção do mundo começa a se formar.

— Vamos dar uma olhada na escolinha, se você gostar, você fica. — dizia sua tia, irmã do seu pai, que ficou com a missão de levá-lo pela primeira vez a uma escola.

Naquele dia nada deu certo, ofereceram-lhe brinquedos, velocípedes, guloseimas e ele não quis nada, a não ser chorar e querer voltar para casa, não se sabe o que aconteceu. Para Doca, foi um filme queimado com sua tia. Sem mais ninguém que estivesse disposto a ter paciência com seus mimos, filho de um jovem viúvo de quarenta e cinco anos, com três filhos pequenos e dois adolescentes, que gastou suas economias no tratamento em vão da esposa com câncer. Apesar de ser o caçula desses filhos, a dedicação e a atenção do pai não eram nada rotineira. Não que seu pai fosse insensível, longe disso. O que faltava era habilidade em cuidar de crianças, o que sua mãe fazia com maestria e que ele só pode desfrutar por três anos de sua vida, mas concorrendo com uma doença que tomava noventa por cento do tempo da sua genitora.

Doca era o apelido de Pedro Paulo Pereira, alguns tentaram lhe apelidar de Pepê, mas o que pegou de jeito foi o de Pedroca e depois Doca, tinha mais duas irmãs e dois irmãos. Ele chegou à família para desempatar o jogo

para o lado masculino. Janjão era quatro anos mais velho que ele, Gena seis, Alba dez e Tito quatorze. O pai de Doca gostava de nomes italianos, mas quem batizou os dois filhos caçulas foi a esposa.

Passaram-se quase dois anos, desde o primeiro contato de Doca com os bancos escolares. Era o ano de 1973, enquanto as crianças de sua idade já iam normalmente estudar, Doca foi ficando para trás, fora de faixa. Para a sua sorte, o seu desejo de entender e a curiosidade para aprender o que estava escrito nas revistas em quadrinho que sua irmã, Gena, lia para ele, fizeram desejar e pedir ao seu pai para ir estudar.

— Miúdo — disse Zeca, o pai de Doca — Vá se arrumar, que temos que tirar umas fotografias 3×4 para te matricular na alfabetização — e gritou — Gena, dê um banho no Miúdo e o arrume, que vamos ao estúdio fotográfico.

— Ah, pai! — respondeu — ele sabe se arrumar sozinho.

— Doca! — exclamou Zeca.

— Pode deixar, pai! — respondeu o menino, ansioso — num instante eu tô pronto.

Tomou um banho de gato, vestiu a melhor camisa e calção que tinha, pois não tinha calça comprida, que era coisa de velho. Calçou seu “kets”, tênis em forma de bota que ganhara no aniversário de 6 anos, penteou seu cabelo escorrido e se apresentou à sala de visita onde seu pai se encontrava.

— Hum! — disse Zeca, após botar seus óculos — tá bom, vamos que ainda tenho que ir à oficina.

Zeca enfiou sua carteira no bolso da calça, pegou Doca pela mão e saiu de casa, ambos com passadas lentas foram cruzando as ruas da cidade. O pai de Doca era uma espécie de conserta tudo, rádio, televisão, aparelhos domésticos e o que estivesse quebrado. Possuía um pequeno cubículo no centro da cidade que ele chamava de oficina. As estantes lá contidas eram repletas de objetos para conserto, eram tantos aparelhos para reparo que muitas vezes eram esquecidos pelos clientes ou então o próprio Zeca ia devolver devido não haver conserto e para ver se sobrava espaço no estabelecimento.

— Miúdo — falou Zeca — antes de batermos a foto, vamos passar no barbeiro para dar um trato na cabeleira e ficar bem bonito na fotografia, pois vão colar uma cópia na capa do boletim.

— Boletim? — disse Doca olhando para o alto, pois para ele seu pai era um gigante, um arranha-céu comparado ao menino. Um gigante do seriado “Terra de Gigantes”.

— É! Boletim. Nele, a professora vai marcar suas notas e observações durante todo o ano — respondeu o pai.

— Mas pai! Eu só quero aprender a ler.

— Claro! Mas eles precisam das notas para avaliar se a pessoa já sabe ler.

— Quero aprender a ler — continuou o menino — para entender o que Mickey e Tio Patinhas dizem naqueles balões e não precisar mais de Gena ficar lendo para mim.

— Gena é boazinha, ela gosta de ler para você.

— Gosta... — respondeu Doca olhando uns brinquedos numa vitrine — mas às vezes ela não está com vontade de ler e eu fico só olhando para as figurinhas tentando entender a história.

— Vamos entrar aqui, miúdo — interrompeu Zeca de frente a uma barbearia.

A fama de Doca era que ele era inimigo dos barbeiros, detalhe de que ele também não se lembrava. Quando menor, ele não deixava os profissionais de corte de cabelos encostarem a tesoura em sua cabeça, se mexendo constantemente, porém, à sua frente, os mais velhos diziam que isso era característica de Janjão, seu irmão mais rebelde.

— Bom dia, Pedim! — cumprimentou Zeca — trouxe seu xará para fazer a cabeleira.

— Esse é o irmão mais novo de Janjão, o terrível? — brincou e piscou o olho.

— É, mas esse é calminho — disse Zeca com um sorriso no rosto — o que você mandar, ele obedece, vai ficar como uma estátua enquanto corta o cabelo.

— É bom mesmo, pois se não ficar parado... é perigoso furar o olho.

— Miúdo — disse Zeca, se agachando e abraçando o filho — fique aí cortando o cabelo que vou bem ligeirinho resolver um problema numa televisão e antes de terminar o corte, volto para a gente tirar a foto. Volto já, já.

Doca concordou com a cabeça e acompanhou com o olhar apreensivo o pai se ausentar da barbearia, enquanto o barbeiro preparava a cadeira com uma tábua

apoiada sobre os braços do assento para o menino abancar.

— Vamos lá, campeão! — disse o barbeiro, pegando o garoto pelas axilas e conduzindo-o até o alto da bancada — vou caprichar no corte, para ficar bonito na foto.

Durante todo o ritual de corte de cabelo, Doca não se mexeu, ficou como um boneco articulável. O movimento que o barbeiro realizava em sua cachola, ele obedecia e só mudava de posição quando outro movimento era solicitado. Assistia no grande espelho à sua frente os toques e retoques do barbeiro e desenhava com os olhos as formas das letras dos diversos produtos e utensílios de higienização capilar. Viu o seu articulador passar a máquina de raspar nas laterais de seu crânio e os finos cabelos castanhos escuros caírem nos seus ombros. Talco, fragrâncias naturais e escovação de retículas de fios de cabelos. Em 15 minutos, o processo de corte de cabelo estava concluído e, para alívio e alegria de Doca, a presença do seu pai, com seu vozeirão, foi notada antes do final deste cerimonial.

— Cheguei na hora, hein, miúdo? — disse ele.

— Hum! Hum! — respondeu Doca, se olhando no espelho e vendo o corte militar.

— Bonito!

— Tive que passar um creme para fixar o cabelo por ser muito liso — disse o barbeiro — outra coisa é que ele não tem piolho, geralmente criança dessa idade tem muito piolho.

— É. Não teve tempo dos cuidados da mãe, mas minha irmã cuidou como se fosse um filho, antes de

mudar de residência. Zeca tirou umas cédulas do bolso e entregou ao Fígaro, sem perguntar o valor, o que estava configurado num cartaz abaixo do nome do estabelecimento: “Barbearia Social”.

— Vamos lá, miúdo! — e segurou por trás do pescoço do menino como um guia — a foto também não vai doer nada.

— Ei, pai! — Falou puxando a calça de Zeca, para chamar atenção — todo menino corta o cabelo assim?

— Assim como?

— Igual ao do “TG”.

— Quem disse que era igual ao do TG — riu o pai.

— Eu vi, passando na frente de casa, um soldado do TG, sem o chapéu dele, e Janjão disse que não quer cortar igual ao TG.

— O Janjão está muito sabido. O nome desse corte é meia cabeleira e é bom porque demora a crescer.

— E cabeleira é quando pela tudo?

— Não, aí é raspar. — Riu de novo o pai — pode ser também pelar, como disse.

— Papai! — disse o menino, mudando de assunto ao ver uma banca de revista. — Aprender a ler é difícil?

— Não. — pensou o pai — quanto mais cedo estudar para aprender a ler, mais fácil se entende.

— Ah! E eu vou custar a aprender?

— Não. É um menino inteligente — escolheu as palavras — num instante vai ler suas revistinhas e quando aprender a ler vou te dar uns livros para treinar.

— Quero uma do Pato Donald.

— Bom, é livro.

— Alba disse que as revistas em quadrinho são boas para a gente aprender a ler.

— Alba tem razão, agora que lembro que no meu tempo eu lia “Flash Gordon no planeta Mongo”.

— Em quadrinho?

— Sim, depois fizeram o filme em forma de seriado e a meninada lotava o cinema.

— O senhor queria ser “Flash Gordo”?

— “Gordon”, não gordo. — explicou Zeca com um sorriso — toda criança naquele tempo queria ser “Flash Gordon”, Jim das Selvas ou Tarzan.

— Quero ser... — parou para pensar — não sei, ainda vou lembrar.

— Pronto, é aqui — disse o pai entrando num estabelecimento de duas portas gigantes.

— Já sei, papai! — disse timidamente — quero ser o professor Robson de “Perdidos no Espaço”.

— Bom dia, Borromeu!

— Olá, Zeca!

— Sei lá! — falou Doca, baixinho para si.

— Estou precisando bater umas fotos 3×4 do miúdo aqui. — e acariciou os cabelos de Doca.

— É seu caçula? — perguntou o outro, dono de um bigode avantajado.

— É. Vai se matricular na alfabetização.

— O Cabrinha vai para a escola! — Afirmou o fotógrafo.

— Quer aprender a ler.

— Muito bem! — e apontou para Doca — Zequinha! Acompanhe a menina, que ela bate sua foto.

Uma moça, com seus vinte e poucos anos, saiu detrás do balcão e, se curvando para Doca, estendeu a mão e falou:

— Pode sentar ali, rapaz!

E assim Doca fez, sentou num banco de frente para umas luzes, que no momento estavam apagadas, e no meio delas, apoiada no tripé, uma câmera fotográfica. Após ajeitar a posição dos ombros e cabeça do menino, disse:

— Não se mexa, fique assim, é num instante. — E no momento em que a mulher acendeu as luzes e deu o clique. Doca não resistiu e abriu um sorriso.

— Não, neném! — riu — tem que ficar sério, vamos de novo.

— Muito bem, bicho lindo! — após o segundo clique, deu um beliscão carinhoso na face do menino.

— Pronto. — disse a moça para seu patrão.

— Quanto foi, Borromeu?

— Nada, não. Fica por aquele rádio que você consertou e não cobrou — respondeu o homem.

— Sendo assim, obrigado!

— Amanhã já pode vir pegar.

— Ok! Mais uma vez, obrigado!

— De nada, Zeca.

Ainda circulando pelas ruas da cidade, segurando a mão do pai, Doca perguntou:

— E agora, pai, vamos para onde?

— Agora acabou. — Riu o pai — vou para a oficina, consertar uns “mói de ferro”.

Quando chegou à esquina da rua onde moravam, Zeca deu uma tapinha nas costas do filho e falou:

— Se quiser ir para a oficina, vamos. Se não, vá para casa que ficarei daqui te vigiando.

— Vou para casa... — respondeu a criança — Contar a Gena.

— Positivo, mas não precisa correr — aconselhou Zeca.

Doca não correu, porém, deu as maiores passadas que poderia dar. Em certo momento, olhou se o pai estava na esquina e confirmou sua presença. Quando faltava pouco para chegar a casa, olhou novamente, mas Zeca não estava mais lá. Não houve tempo para sentir saudade do pai, logo avistou Rogerinho, o vizinho, que gritou:

— Doca! Olha o que ganhei — montado numa pequena bicicleta em forma de Lambreta.

— Foi de aniversário?

— Tá na promoção, por que não pede ao teu pai também? — O brinquedo espetaculoso brilhava nos olhos de Doca — antes que acabe.

— Vou pedir — disse Doca, novamente em busca do pai na esquina — quando ele chegar.

— Além dessa vermelha — continuou o vizinho — tem uma verde e outra preta.

Foi quando surgiu Janjão, João José Pereira, saindo de dentro de casa, pele branca, rosto sardento e cabelo grande nos ombros.

— Oxe, Doca! Vai se alistar no TG? — disse o irmão, mas Doca não respondeu, fez só uma cara emburrada.

— Vou pedir a papai para me dar uma lambreta dessas.

— Só depois que ele comprar minha bicicleta — frisou Janjão.

— Ele não vai dar. Você já aperreou tanto e ele não deu.

— E tu acha que essa lambreta ele te dá?

— Tá na promoção — pensou — é bem baratinha.

— Outro problema é que tu não sabe andar.

— Vem com as rodinhas, Janjão — interveio Rogerinho — é só botar.

— Tá bom! — disse Janjão — depois que eu ganhar minha bicicleta, você pede sua lambreta, eu tô na frente da fila.

Rogerinho circulou pela calçada de uma esquina a outra, deslizando com uma facilidade e habilidade de causar inveja e esse foi o sentimento que despertou em Doca. Se era “barata” como dizia o amigo vizinho, ele ganharia a sua e imaginou o brinquedo a sua frente na cor verde ou talvez preta.

— Quer dar uma volta, Doca?

— Não sei andar sem as rodinhas — foi quando Doca caiu na real.

— Tenta, eu seguro — insistiu o outro.

Doca teve medo, se imaginou estatelado no chão, joelho ralado, dentes quebrados e passando vergonha no meio da rua. Melhor seria treinar com as rodinhas, balançou a cabeça negativamente e sorriu.

— Por que, vai querer essa bicicletinha? — falou Janjão, quando Rogerinho se ausentou — vamos pedir uma Monareta, que serve para nós todos e não fica pequena quando a gente crescer.

— A Monareta é grande. Daqui que eu cresça.